



Oficinas

VIDA E MORTE/MORTE E VIDA: APRENDENDO COM A CULTURA MEXICANA A LIDAR COM A MORTE RESSIGNIFICANDO A VIDA

Glícia Conceição Manso Paganotto

Luziane Cristine Coelho da Silveira

Resumo: Não há dúvida de que a morte faz parte do processo de desenvolvimento humano e está presente em nossa vida, desde a morte física até a morte simbólica, da renovação celular, a passagem das fases da vida, ou até em um término de relacionamento, há múltiplas mortes diárias, que se repetem e reverberam nos pequenos detalhes, sendo uma condição para que a vida se refaça todos os dias. No entanto, boa parte dos países ocidentais, desenvolveram em relação a tal processo, uma profunda negação e horror. Morin (1997), em seu livro *O homem e a morte*, assim coloca: “o horror da morte é a emoção, o sentimento ou a consciência da perda de sua individualidade”. Sendo dessa maneira, envoltos no medo da perda, que nossa sociedade moderna, altamente líquida como afirma Bauman em suas obras, amórfica e inegavelmente, mutante, que esse medo, embalado pela vida para consumo, nos torna no ocidente tão dispostos a evitar a dor, rejeitá-la e principalmente temer-la, criando todos os tipos de mecanismos de adoecimento e fuga da realidade. O consumo, o nosso ópio da dita pós-modernidade, altamente fragmentada, hedonista, imediatista e de grande culto ao efêmero, acaba por muitas vezes banalizando a vida, no afã de esquecer a sua finitude. Tudo multi, ao mesmo tempo agora, mas também em muitos casos, mesmo com todas as facilidades e aparatos tecnológicos, esvaídos de sentido e de capacidade de se vincular afetivamente a si mesmo, ao outro, ao mundo. Corremos, acelerados e plugados, vida a fora, tão absortos pela dinâmica do ganha-ganho, pois não há espaço nesta sociedade dita moderna, capitalista, de mentalidade ainda classicista e discriminatória, para a fragilidade, o insucesso, os erros e perdas. Envelhecer, assim como morrer, é um ultraje, e uma boa parte do mercado e seus produtos e propagandas são para retardar o máximo possível, a chegada da Cruel e sua foice – A Morte. Muitas das práticas culturais do nosso país em relação a morte e o enlutamento não é diferente desse cenário, acima descrito, no entanto, a cultura mexicana, com os saberes ancestrais de seus povos ameríndios e de uma maneira sincrética também atrelada a práticas religiosas católicas, conseguiram ao longo dos séculos de forma intercultural, encontrar uma via colorida e mais rica de lidar com a passagem entre a Vida e a Morte. Se nos povos antigos, de toda aquela região central da América, atrelavam o culto aos seus mortos, no período da colheita, marcando o momento de maior fartura dos que estavam vivos para celebrar a possibilidade de se prosseguir vivendo, dando uma satisfação aos que já haviam partido dessa vida, com a chegada espanhóis



e do catolicismo hispânico, muda-se o calendário e então o momento de festejar passou a ser no dia de finados, dia 02 de Novembro. Aqui também, devido a nossa ligação histórica com o catolicismo, temos nesse dia, um feriado, para também prestarmos nossas honrarias aos que faleceram, no entanto a semelhança para por aí. Isso por que o dia dos mortos no México é um dia de alegria. Na verdade, não se tem só esse dia para se pensar na morte e em seus mortos, a figura da Catrina (a representação de La Muerte) aquelas caveiras coloridas é um souvenir mexicano. É uma cultura que abraçou a morte, ao invés de transformá-la em vilã. Todo o folclore da morte nos mostra que no México os mortos não se vão totalmente, seguem sendo, no imaginário popular, personagens vivos e presentes de uma outra maneira, o que resguarda para si uma sabedoria ancestral a serviço da vida, o que não temos aqui no Brasil. Festas no cemitério levando todos os quitutes e bebidas adoradas por seus antepassados e amigos queridos, bandeirolas, muitas músicas e trocas de caveiras de açúcar entre os vivos, além de figuras caricatas e irônicas da morte, foram elaborações culturais construídas por esse povo mexicano para se aproximar de forma menos dolorosa e criar um vínculo com essa outra faceta da vida. Atualmente é a festa em que a morte invade a vida e a vida invade a morte, como dois movimentos do mesmo evento. Fica então a pergunta: Por que esse medo que se tem na vida e o pavor que se tem da morte?

PALAVRAS-CHAVES – Morte; Vida; Resignificação, Ancestralidade.

Objetivo da Oficina: Buscar, por meio de vivências/ritos e atividades expressivas, estimuladas por algumas cenas do desenho animado “Festa no Céu”, aproximar o universo da cultura popular mexicana em relação à morte (advinda dos saberes ancestrais de vários povos daquela região), levando os participantes a ampliar a sua visão desse processo que faz parte da vida e que pode e deve trazer em sua própria factibilidade um maior valor a existência. Como já dizia Jung “só permanece realmente vivo quem estiver disposto a morrer com vida”.

Metodologia:

A proposta desta oficina foi incentivada pela Linguagem do Desenho Animado, Festa no Céu (The book of life) que trás no seu contexto, símbolos, cores, arquétipos que evidenciam essa maneira, do povo mexicano, tão peculiar de lidar com vida/morte/morte vida. Isso fomentou a proposta da organização dessa oficina, promovendo uma ponte entre a nossa relação, muitas vezes dolorosas com a morte, com a face alegre e mais leve que o povo mexicano lida com essa parte da vida - O Morrer. Busca-se por meio de uma vivência arteterapêutica dialogar com alguns princípios da Gestalt-terapia, como o “Aqui e Agora”, o estar em “Aware” (tomada de consciência” a percepção de si e do outro, assim como a questão simbólica e arquetípica da Psicologia Analítica. Uma conexão mais



saudável com a ancestralidade ao longo da vida, num trabalho de autoconhecimento e auto percepção é a contribuição que este trabalho visa proporcionar encarando a morte como condição sine quo a non para resignificar a vida.

.

Referência Bibliográfica:

RODRIGUES, J.L. (2011). Vision de la Muerte em la Cultura Mexicana. Recuperado em 02 de setembro, 2012, de: <http://www.contactomagazine.com/mexmuerte.htm>.

MORIN, Edgar. O homem e a morte. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

JAFFÉ, Aniella; FREY-ROHN, Liliane; FRANZ, Marie-Louise V. A morte à luz da psicologia. São Paulo: Cultrix, 1995.

Glícia Conceição Manso Paganoto - arteterapeuta pioneira no ES, membro da UBAAT, coordenadora do Curso de Arteterapia do instituto Fênix. Arteterapeuta concursada, atua na prefeitura de Vitória no Centro de Apoio Psicossocial (Caps).

Luziane Cristine Coelho da Silveira - arteterapeuta formada pelo Instituto Fênix, professora universitária há mais de quinze anos, formada em Comunicação Social pela UFES, atende como arteterapeuta na cidade de em Vila Velha.